



“Prêmio Jayme Torres é vitrine para farmacêuticos e acadêmicos”

(Edson Sasaki, vendedor do Prêmio, em 2002, hoje, com a carreira consolidada, em Goiânia)

Pelo Jornalista Aloísio Brandão,
editor desta revista

■ Ao vencer o Prêmio na categoria Jovem Farmacêutico, Edson Sasaki ganhou um estágio numa grande indústria farmacêutica, em Anápolis, e teve a sua carreira impulsionada.

“Uma vitrine onde os farmacêuticos podem divulgar os seus trabalhos científicos e ser reconhecidos pelo mercado de trabalho”. É assim que o farmacêutico Edson Hideki Sasaki define o Prêmio Jayme Torres, do Conselho Federal de Farmácia. Sasaki fala do Prêmio, com propriedade, porque, em 2002, quando ainda era acadêmico de Farmácia da Universidade Estadual de Maringá (UEM), no Paraná, produziu o artigo “Implantação de um projeto informatizado de Atenção Farmacêutica pela Universidade Estadual de Maringá (UEM)” com o qual concorreu ao concurso.

O trabalho rendeu a Edson Sasaki o primeiro lugar, na categoria *Jovem Farmacêutico*. Mais que isso, a conquista do Jayme Torres impulsionou a sua carreira. O mercado abriu-lhe as portas. Assim que o seu nome foi anunciado como um dos vencedores, um grande laboratório farmacêutico ofereceu-lhe um estágio.

Hoje, Edson Sasaki tem uma carreira profissional sólida e ele divide o seu tempo entre Goiânia e Anápolis. O tempo, aliás, não dissolve a lembrança daquele momento feliz em que o farmacêutico subiu ao palco do auditório do Memorial JK, em Brasília, diante de



Farmacêutico Sasaki venceu o Prêmio Jayme Torres, quando era acadêmico de Farmácia: “Poder divulgar esta premiação em meu currículo tem sido um grande diferencial”

autoridades dos Três Poderes da República e de lideranças farmacêuticas brasileiras e internacionais, para receber o seu prêmio. Por isso, Sasaki mantém-se tão grato ao Jayme Torres.

Este ano, o tema é “Análises Clínicas e Toxicológicas”. Profissionais e acadêmicos podem concorrer, de acordo com o que está previsto na Resolução Normativa número 376, de 27 de março de 2002, do CFF. O órgão o criou como uma maneira de incentivar a produção intelectual, no meio farmacêutico.

O Jayme Torres é aberto a duas categorias: a *Profissional* (para farmacêuticos), e a *Jovem Farmacêutico* (para acadêmicos de Farmácia). Identificar, reconhecer e difundir experiências que melhorem as condições de saúde da comunidade, e homenagear um dos fundadores e primeiro Presidente do Conselho Federal de Farmácia, o Dr. Jayme Torres, são os objetivos do Prêmio.

“Poder divulgar esta premiação em meu currículo tem sido um grande diferencial competitivo para mim, no mercado de trabalho”, concluiu o farmacêutico Edson Sasaki, a quem a revista PHARMACIA BRASILEIRA entrevistou. **VEJA A ENTREVISTA.**

ENTREVISTA COM Edson Sasaki



Durante o estágio, pude visualizar que a atuação do farmacêutico era limitada no atendimento aos pacientes. Desta forma, tive a iniciativa de criar um banco de dados com o cadastro de vários pacientes atendidos pela farmácia-escola, para dar suporte às decisões tomadas, durante a prestação da atenção farmacêutica.

Graças ao apoio dos professores, pudemos implantar este projeto tão gratificante, no qual podíamos exercer, com muito mais entusiasmo, a nossa profissão.

PHARMACIA BRASILEIRA – Segundo o senhor informou à revista PHARMACIA BRASILEIRA, a conquista do Prêmio proporcionou “um grande impulso” à sua carreira, abrindo-lhe as portas para a profissão. De que forma isso aconteceu? O senhor pode contar essa sua experiência?

Edson Hideki Sasaki - Na ocasião da premiação, eu estava cursando o último ano da minha graduação no curso de Farmácia Industrial. Para receber o Prêmio, o CFF custeou as passagens até Goiânia, onde estava acontecendo o Congresso Brasileiro de Genéricos, local onde ocorreria a premiação. O Prêmio teve o patrocínio do Laboratório Teuto, de Anápolis (GO), que me ofereceu um estágio na empresa como merecimento pela premiação. Este fato impulsionou a minha carreira e motivou-

me a dar seqüência nesta área tão enriquecedora, que é a indústria farmacêutica.

PHARMACIA BRASILEIRA - Que atividade o senhor desenvolve, hoje, seis anos após a sua vitória?

Edson Hideki Sasaki - Hoje, após seis anos da premiação, atuo como Gerente de Produção do Laboratório Cifarma Científica Farmacêutica, em Goiânia, e sou professor do Programa de Pós-graduação em Tecnologia Industrial Farmacêutica do IGTF (Instituto de Gestão Tecnológico Farmacêutico), em Anápolis.

PHARMACIA BRASILEIRA – O Prêmio Jayme Torres, segundo o senhor informou, “tornou-se uma fonte de inspiração para muitos profissionais que estão no meio farmacêutico, divulgando os seus “brilhantes trabalhos, em todo o País”. O senhor pode falar mais sobre a impressão que tem do Prêmio?

Edson Hideki Sasaki - A área farmacêutica não costuma premiar seus talentos, ao contrário de outras áreas, como o Jornalismo, por exemplo. Acredito que o Prêmio Jayme Torres é uma ótima iniciativa do Conselho Federal de Farmácia, para apoiar, tanto o profissional que já está no mercado de trabalho, como para os jovens farmacêuticos que estão ingressando no mesmo.

PHARMACIA BRASILEIRA – O senhor concorreu ao Prêmio Jayme Torres, em 2002, na categoria “Jovem Farmacêutico”. Qual o tema do seu artigo? Por que se interessou por esse assunto?

Edson Hideki Sasaki - O tema do meu artigo foi a “Implantação de um projeto informatizado de Atenção Farmacêutica pela Universidade Estadual de Maringá (UEM)”. Na ocasião, eu estava cursando a disciplina de Estágio Supervisionado para Farmacêutico.

ERRATA – Na edição número 66 (julho/agosto), página 46, esta revista errou, ao dizer que os integrantes da Comissão Editorial do CFF integram, também, a Comissão Avaliadora do Prêmio Jayme Torres. A cada ano, o Prêmio tem uma Comissão diferente, dependendo do tema. A revista errou, ainda, ao trocar, na legenda da primeira foto da referida página, os nomes dos farmacêuticos Gustavo Baptista Éboli (primeiro da direita) com Márcio Antônio da Fonseca e Silva (segundo da direita).